

## Imagens de Portugal, Brasil e África nos diários de Miguel Torga

Lucilene Costa (UEMS)<sup>i</sup>

**RESUMO:** *Em vida o escritor português Miguel Torga foi um profícuo escritor de diários íntimos, tendo os escrito por mais de cinqüenta anos. O deslocamento temporal amplo encontra correspondência na percepção espacial presente na obra. Não só todo o solo Português é objeto de atenção e reflexão contínua do escritor, mas ainda o Brasil da juventude de emigrado e a África colonial, visitada na velhice. Três países, três continentes que se entrecruzam na história pessoal do escritor, e recebem deste olhares distintos. O olhar inicial de flâneur é pleno de identificação e compreensão para com tudo aquilo que observa, ao passo que aos poucos se instaura, e se fixa, a percepção de escritor português consciente dos despojos deste processo, e que não se omite de trazer à tona as contradições e desencontros do sistema colonial. Entender como essa duplicidade de olhares se inscreve dentro dos escritos confessionais de Torga, é o objetivo do trabalho proposto.*

**Palavras-chave:** Miguel Torga; diário íntimo; relato de viagem.

Por muito que se diga, um diário não é um confessional, um diário não passa de um modo incipiente de fazer ficção.

José Saramago

Miguel Torga (1907-1995), pseudônimo de Adolfo Correia Rocha, nascido em S. Martinho de Anta, Trás-os-Montes, durante toda sua vida manteve uma literatura confessional ao lado de sua produção ficcional e poética. Iniciou-se na literatura em 1928, com o livro de poemas *Ansiedade*. Embora se referisse a si mesmo como poeta, escreveu inúmeras cartas, 16 diários (editados até aqui) e a autobiografia *A criação do mundo*. Essa produção autobiográfica, sob vários ângulos, completa a primeira (na qual se inclui ainda romance, contos, teatro) uma vez que, no dizer de António Arnaut (1992, p.74), algumas de suas melhores poesias foram publicadas nos diários, que são ainda fonte reveladora acerca de seu processo literário, constituindo-se quase como um diálogo permanente entre sua escritura mais conhecida e esta pessoal.

A leitura continua dos diários do autor nos conduz a uma compreensão nova do papel desses escritos em relação ao restante de sua obra, não mais como atividade marginal, mas sim enquanto construção central dentro de seu percurso literário. Para tanto, bastaria mencionar o fôlego e persistência que o autor dedicou ao gênero, não somente escrevendo e publicando seus diários de 1940 a 1996 (o último deles, póstumo), mas, sobretudo, lapidando técnicas e procedimentos estilísticos que lhe conferiram uma envergadura que superaria os estreitos limites atribuídos à forma. O grau de acabamento dessa produção pode ser justificado em parte pelo cuidado com o qual o autor tratava as edições, pois não só acompanhava as reedições de seus textos, como muitas vezes fazia revisões e correções, acrescentando, em alguns casos, novos prefácios dirigidos ao leitor. Tal cuidado parece conflitar com a natureza descuidada

normalmente atribuída a essa modalidade. Clara Crabbé Rocha elabora essa idéia nos seguintes termos:

...(o diário) é um gênero em que as repetições e as contradições, a ausência de ordenação discursiva não chocam o leitor, contribuindo antes para criar uma espécie de impressionismo literário, por vezes dotado de grande poder sugestivo (1997, p. 103).

Para confirmar essa impressão, cita ainda Phillippe Lejeune para quem “a prática do diário íntimo representa uma espécie de grau zero nas técnicas de construção do texto”, complementando:

Lejeune explica esse grau zero pelo facto de o escritor deixar ao tempo o cuidado de estruturar o texto. Mas o tratar-se duma escrita íntima parece-nos também ter a sua quota-parte na determinação da ausência de peias técnico-formais e estilísticas (LEJEUNE apud ROCHA, 1997, p. 103).

Os comentários acima sugerem que o maior atrativo dos diários para o leitor seria a espontaneidade, a escrita despreocupada, associados ao valor documental desses escritos.

Se tal afirmação é válida para alguns diaristas, não podemos estendê-la completamente aos escritos confessionais de Miguel Torga. Acima do valor documental, sobrepõe-se a elaboração estética que faz com que esses textos se tornem material espesso para a compressão da alma e natureza do povo português e das relações que constituíram além-mar, uma vez que o eu da enunciação se projeta não meramente como subjetividade que se quer desvelar e reconhecer a partir da confissão narcísista, mas configura-se antes como observador do espaço circundante, das pessoas, da história, das coisas, do fluxo contínuo do tempo que apazigua e dissolve os conflitos mais elementares da natureza humana em sua lógica própria.

Assim, o que ocorre na maior parte das vezes é a abertura para um ângulo de visão maior, em que o destino individual do narrador se vê ligado ao de outras pessoas, célebres ou anônimos, a outros espaços por onde transitou ou transita, e de onde recolhe impressões para os registros.

A crítica especializada tem ressaltado a natureza telúrica dos escritos de Miguel Torga. O apego à terra e ao povo português, sobretudo aquele mais simples e campesino, não bastasse se verem refletidos em cada poema, conto ou nota do diário, ganhou representação sentimental ainda nas crônicas de viagem que compõe a obra *Portugal* (1950).

O olhar de cronista teria sido aprimorado no contato com a gente simples do campo de Trás-os-Montes, onde nasceu, e depois como imigrante no Brasil, onde viveu por cinco anos, na adolescência, como trabalhador rural em Minas Gerais. Posteriormente, já como médico estabelecido, iniciaria outro percurso de descobertas, ao viajar por todos os cantos de Portugal, Europa e África conforme registram os deslocamentos espaciais nos *Diários*. É justamente essas passagens em que aborda contrastivamente esses três lugares, que escolhemos para nos aproximar um pouco mais do texto torquiano.

## **1**

Nos estratos dos diários, a escrita fragmentária, peculiar à forma, altera significativamente o desenvolvimento temático, uma vez que as reflexões do autor

sobre determinado assunto não surgem com sentidos definitivos ou em trechos conclusivos, mas apenas se completam por meio do cotejo e sobreposição das diversas notas distribuídas ao longo dos 16 volumes.

Feita essa ressalva, e conscientes da complexidade em manejar um corpus tão vasto em um trabalho de limites definidos, optamos pela citação, sobretudo, do *Diário XII*, que compreende o período de 17 de maio de 1973 a 22 de junho de 1977, no qual o autor registra os eventos relativos à sua primeira viagem à África. São cerca de 30 páginas, somente, onde volta seu olhar para as condições da ocupação portuguesa em solo africano, estabelecendo ligações acerca do que observa com a experiência brasileira. O poema de abertura do volume menciona possíveis motivações para essa peregrinação:

Viagem

É o vento que me leva  
O vento lusitano.  
É este sopro humano  
Universal  
Que enfuna a inquietação de Portugal.  
É esta fúria de loucura mansa  
Que tudo alcança  
Sem alcançar.  
Que vai de céu em céu,  
De mar em mar,  
Até nunca chegar.  
É esta tentação de encontrar  
Mais rico de amargura  
Nas pausas da aventura  
De me procurar...

As razões do eu-lírico se ligam aparentemente à sua condição portuguesa “É o vento lusitano que me leva”, como se sentisse na carne a determinação desse povo de estar sempre à procura de algo desconhecido. De forma magistral, o grande crítico português Eduardo Lourenço interpreta essa vocação nacional de quase dez séculos da seguinte forma: “A longa história de Portugal, incluindo nela a anterior ao seu nascimento como reino, é a de uma deriva e de uma fuga sem fim” (1999, p. 12). E vai mais longe:

(...) evitar o destino comum, instalar-se, não se sabe por que aberração ou milagre, às margens do mundo, foi um pouco aquilo que o povo português sempre tem feito. Portugal vive-se “por dentro” numa espécie de isolamento sublimado, e “por fora” como o exemplo dos povos de vocação universal, indo a ponto de dispersar o seu corpo e a sua alma pelo mundo inteiro (1999, p. 10).

A busca pela evasão dos estreitos limites geográficos de país peninsular, aliada à “vocação universal do português” seriam explicações de cunho psicológico para a necessidade da colonização de outros continentes. No poema manifesta-se uma terceira motivação para a travessia que seria a da auto-descoberta pessoal. Nos *Diários*, de Miguel Torga, justamente a *flanerie* do narrador é um dos procedimentos que permitem que diversas camadas significativas da vida e história portuguesa venham à tona, imprimindo a esses elementos re-significações. No caso da visita ao continente africano,

esse percurso “que tantas resistências me obrigou a vencer” é mais denso e doloroso do que se imagina, sendo justificado da seguinte forma: “Nascido de um impulso irrefletido, nele se conjugam certamente forças mais poderosas do que as da minha consciência” (p. 10)<sup>1</sup>.

Durante a estada de quatro semanas em Angola e Moçambique será submetido a uma verdadeira prova de fogo, uma vez que terá de se deparar diretamente com os despojos do império português erijido há cinco séculos atrás. Seria a dureza desse enfrentamento uma das razões para a postergação sucessiva da viagem, só realizada no final da vida? Logo nos primeiros dias, a má-consciência do artista vai captando os paradoxos do mundo colonial. Como na visita a Luanda, em que registra:

Quando regressei a casa, trazia duas metrópoles nos olhos doloridos: uma, arrogante, retórica, de papelão, a negar o preto; outra, calada, tentacular, eczematosa, a negar o branco. Uma que parece um delírio febril de sitiados; outra um acampamento sorna de sitiados (p. 13).

A percepção de dois mundos separados- o dos brancos e o dos negros angolanos- não será expressa apenas nas diferenças sociais que os separam, identificados na atmosfera descrita acima, mas sobretudo pela descrição insistente da paisagem física, verdadeiro *leitmotiv* dentro da obra torguiana. A vegetação que cobre o país aparentemente é um dos componentes de maior estranhamento no olhar lançado pelo europeu: “Paisagem seca, pulvurenta, ardida, de vegetação precária e rasteira, que algumas cabras famélicas depenam e algumas presenças arbóreas tentam em vão erguer...” (p. 12). O trecho prossegue descrevendo a árida paisagem africana, muito diferentes das referências da terra natal:

Numa aplicação esforçada, tento compreender este chão em si mesmo, especificamente, mas os sentidos refilam, inseguros fora do seus padrões habituais-transmontanos, alentajanos ou beirões. E, por mais que não queira, sinto-me nele intruso, rejeitado, excluído...(p. 12-13).

Como se vê, o teor das observações contrastam visivelmente com a visada extasiada da maioria dos relatos de viagens. Torga recusa qualquer contemporização que atenuem os conflitos subjacentes às relações entre o mundo do colonizador e do colonizado, antecipando nessas notas um processo de desvelamento ácido do sistema colonial português que consagraria outro grande escritor do país, o lisboense António Lobo Antunes.

Ao refletir acerca das colônias estabelecidas na África surge, consequentemente, a necessidade de repensar a experiência portuguesa em terra brasileira. Nesse ponto o discurso fica mais brando e ganha tons de sociologia. É o momento em que Miguel Torga demonstra ter conhecimento das teses de Gilberto Freyre (2001) sobre a colonização portuguesa, buscando uma saída bem próxima a do ensaísta pernambucano para explicar o êxito na fixação do português aqui:

Não há dúvida: o português foi incapaz de repetir nestas paragens africanas o milagre brasileiro. Lá, enraizou-se; aqui, não. Certamente porque lá o senhor e o escravo eram ambos emigrados e colonizadores. Estrangeiros os dois, tinham a mesma necessidade de sobrevivência e entendimento. Apenas conjugados podiam triunfar. E reconstruíram juntos na terra alheia, com o mesmo suor, numa simbiose original, as pátrias nativas, até no paladar. Aqui, o branco foi e continua a ser intruso. Não houve comunhão de corpos e de

<sup>1</sup> Todos os trechos do diário citados nesse trabalho foram extraídos do XII volume.

almas (...). Um abismo intransponível, espacial e temporal, separa a casa grande da sezala (p. 15).

A partir de análises como esta podemos formar um quadro das preocupações que tumultuavam a psique do autor. Como bem menciona em outra passagem, é como escritor reconhecido que empreende essa viagem, tal qual o pedestal de Camões erguido em várias cidades por onde passa, símbolo amorfo e sem sentido num mundo “seco, estéril, asséptico”, sua presença ali não é desejada ou festejada. O abismo entre as duas culturas, segundo a ótica do escritor, é definitivo e intransponível. A sensibilidade do artista se fecha para a compreensão das representações daquela cultura: “Arte negra. (...) E sempre a mesma impressão desagradável de pisar terreno movediço. Esculturas e pinturas raivosas, crispadas, de dentes arreganhados, gestos agressivos, esgares de pesadelo” (p. 34).

Recusar o que vê, num processo de estranhamento e pouca alteridade, menos do que limitação pessoal, é um modo de reconhecer dolorosamente a falência de Portugal em construir uma experiência positiva no lugar, uma impossibilidade de assimilar o nativo e ser por este aceito, uma condenação dirigida não ao “outro”, mas a sua nação que deixou uma terra devastada, sem ser capaz “(.) de instituir uma lei, uma regra, uma medida, num mundo raso, desmedido, sem horas, sem dias, sem estações, sempre igual no espaço e no tempo, imagem física da eternidade morta” (p. 20).

Se as impressões acima são bem próprias da veia crítica de escritor maduro, segundo uma perspectiva européia, contudo, ao recuperar imagens do passado, puxadas na “memória adormecida”, o tom é bem diverso, artificialmente nostálgico, como se fosse preciso acreditar que em alguma parte os portugueses e nativos pudessem ter estabelecidos uma comunhão autêntica. Torga relembra que “As terras de Santa Cruz por onde andei na meninice, não pareciam estar sempre a arder. Havia fontes, rios e ribeiros por toda a parte, e viam-se impressões digitais a cada passo, das mãos e dos pés” (p. 24).

## **2**

À guisa de conclusão, lembremos que, em que pese as nuances negativas de várias passagens mencionadas acima, a escritura de Miguel Torga em sua essência parece apontar sempre para um caminho de defesa de um humanismo que se impõe quase como um libelo de resistência num mundo sem ética ou tolerância. Acima das diferenças culturais, políticas e raciais é a luta pela defesa da dignidade da condição humana que mobiliza sua literatura. À maneira de suas demais obras, que sempre sinalizam a possibilidade, mesmo que frágil, de redenção dessa condição, num trecho do *Diário XII* podemos vislumbrar a esperança de entendimento. Ao narrar uma conversa com um interlocutor nativo, para o qual “Tudo estava errado na África portuguesa”, o autor português é tomado de súbita ternura, pois se dá conta de que “O homem falava a minha língua. E despendi-me afavelmente, de sorriso nos lábios. Era um sorriso de esperança, mas não lho disse...” (p. 34).

Infelizmente Miguel Torga já se foi há muito tempo. Se tivesse vivido mais alguns anos poderia ter percebido o que escritores africanos como Mia Couto e Ugulani Ba Ka Khosa, um de origem portuguesa; outro, africana, fizeram desse patrimônio que nos restou comum, talvez assim pudesse ver apaziguado, finalmente, seu constrangimento, seu mal-estar, sua impotência diante dos descaminhos de Portugal.

## **Referências Bibliográficas:**

ARNAUT, António. **Estudos Torguianos**. Coimbra: Fora do Texto, 1992.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**. Rio de Janeiro/ São Paulo: Editora Record, 2001.

LOURENÇO, Eduardo. **Mitologia da saudade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ROCHA, Clara Crabbé. **O espaço autobiográfico em Miguel Torga**. Coimbra: Livraria Almedina, 1977.

TORGA, Miguel. **Diário I**. Coimbra: Gráfica de Coimbra, s/d.

\_\_\_\_\_. **Diário II**. Coimbra: Gráfica de Coimbra, s/d.

\_\_\_\_\_. **Diário XII**. Coimbra: Gráfica de Coimbra, s/d.

\_\_\_\_\_. **Portugal**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

<sup>i</sup> **Lucilene COSTA, Mestre e doutoranda em Letras.**  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.  
[lucilenecosta@uems.br](mailto:lucilenecosta@uems.br)